

A PESTE NA MANCHÚRIA: A VISÃO DO JORNAL O PAIZ SOBRE A EPIDEMIA NA CHINA (1910-1911)

THE PLAGUE IN MANCHURIA: O PAIZ NEWSPAPER'S VIEW ON THE EPIDEMIC IN CHINA (1910-1911)

Gabriel Dias Cavalcante Mauro

Graduado em História e pós-graduado em História e cultura no Brasil na
Universidade Estácio de Sá (UNESA)

Resumo: Neste artigo, analisaremos as reportagens do jornal O Paiz (RJ) publicadas em 1911, que abordam a Grande Praga da Manchúria, uma epidemia que eclodiu no nordeste da China em 1910. As reportagens do O Paiz (RJ) retratam as questões geopolíticas da época, os efeitos da epidemia na região afetada, as práticas utilizadas na época para conter a doença e as reações populares em relação às medidas sanitárias adotadas. Buscamos compreender a visão que se tinha a partir do Brasil em relação aos acontecimentos na China e de que forma o jornal abordava as questões científicas e sanitárias relacionadas ao combate da epidemia, que causou a morte de milhares de pessoas ao longo de quatro meses. Com essa análise, poderemos compreender melhor como a imprensa brasileira cobria eventos internacionais naquela época, além de conhecer mais sobre a história da saúde pública e as medidas adotadas para combater epidemias no início do século XX.

Palavras-chave: Praga. Imprensa Brasileira. Peste da Manchúria. Epidemia. Jornal *O Paiz*.

Abstract: In this article, we analyze the reports published by the newspaper O Paiz (RJ) in 1911 regarding the Great Plague of Manchuria, an epidemic that erupted in northeastern China in 1910. We examine the effects of the epidemic on the region, the measures employed to contain the disease at that time, and popular reactions to the sanitary measures. Our aim is to understand Brazil's perspective on the events in China and how the newspaper covered the scientific and health issues related to combating the epidemic, which claimed thousands of lives over four months. By analyzing these reports, we gain insight into how the Brazilian press reported on international events during that time and learn more about the history of public health and the Steps taken to combat epidemics in the early 20th century.

Keywords: Plague. Brazilian press. Manchurian plague. Epidemic. Newspaper O Paiz.

APRESENTAÇÃO

A melhor defesa que os humanos têm com os patógenos não é o isolamento, mas a informação.¹

Yuval Noah Harari

No dia 10 de março de 2021, em meio à pandemia da COVID-19, o buscador do Google prestou homenagem ao médico malaio Wu Lien-teh, que contribuiu para erradicar a epidemia de peste pneumônica na China. Wu Lien-teh foi responsável por implementar medidas inovadoras, como o uso de máscaras faciais para controlar o contágio, um legado que se tornou extremamente relevante no combate à pandemia de COVID-19, mais de um século depois. A homenagem do Google reconheceu a importância das contribuições de Wu Lien-teh para a saúde pública e destacou a relevância de sua mensagem para os desafios que enfrentamos hoje (LÓPEZ, 2021: 1).

Este artigo tem como objetivo analisar a epidemia de peste pneumônica que se iniciou no outono de 1910 na região da Manchúria, nordeste da China, e se estendeu até a primavera de 1911, ceifando milhares de vidas. É importante destacar que o termo “Manchúria”, neste artigo, será utilizado como referência para a região composta pelas atuais províncias de Heilongjiang, Jilin e Fengtian. Além disso, a região já era alvo de tensões geopolíticas desde a Guerra Russo-Japonesa.

Considerando o contexto imperialista das grandes potências, especialmente a Rússia e o Japão, em relação ao território chinês da Manchúria, a epidemia foi observada globalmente, e algumas informações foram divulgadas no Brasil pelo periódico matutino O Paiz (RJ), que mais tarde desempenhou um papel importante nas campanhas de saneamento básico durante a Primeira República brasileira (TRINDADE LIMA; HOCHMAN, 1996: 23). Embora em pequena quantidade, essas reportagens são valiosas para análise, pois refletem a visão da época sobre saúde e métodos científicos, bem como as reações da população às medidas sanitárias adotadas.

A maioria dessas notícias integra a seção do jornal intitulada “Telegrapho”, que apresenta telegramas vindos de diversas partes do mundo com informações sobre os principais acontecimentos internacionais. Com relação à epidemia em questão, a maioria dos telegramas é procedente de Petersburgo e Pequim, embora algumas poucas notas venham de outras localidades, como Xangai e Londres. Em algumas ocasiões, a procedência é indicada antes das pequenas notas, enquanto que em outras notícias maiores, a informação é compilada na seção “Manta de retalhos”, que traz diversas notícias do exterior, e a procedência é mencionada no corpo do texto, como é o caso da edição de Domingo, 19 de fevereiro de 1911, que cita “Dizem de Petersburgo [...]” e “Ratificando este informe, comunicam de Pekim por telegrapha datado de 17 do corrente [...]”.

Observa-se nos trechos analisados a presença de grafias antigas, como “Telegrama”, e de nomes de localidades chinesas que, na época, tinham grafias diferentes das atuais, como

1. HARARI, 2020, p. 5

“Pequim”. Essas peculiaridades exigiram pesquisa adicional para a interpretação de termos e nomes que nem sempre são óbvios para o leitor contemporâneo.

É relevante destacar que a notícia publicada no jornal O Paiz (RJ) retifica uma informação anteriormente recebida de Petersburgo, com base em um telegrama recebido de Pequim. Esse fato torna-se ainda mais interessante quando consideramos que as relações diplomáticas entre os governos chinês e russo estavam tensas naquele momento, em virtude das ambições imperialistas russas. Nesse sentido, compreender o contexto das relações entre China, Rússia e Japão é fundamental para uma análise mais ampla do contexto em que a epidemia se desenvolveu.

A análise dos artigos do jornal foca no período em que a epidemia da peste pneumônica teve início na Manchúria, no final de 1910, e em seu término no início de 1911. Essa delimitação temporal permite uma visão mais aprofundada dos relatos publicados sobre o controle da doença na região, bem como a reação da população e as medidas adotadas pelas autoridades sanitárias.

ENTRE O JAPÃO, A RÚSSIA E A CHINA

Na edição de Sexta-feira, 17 de Março de 1911, o jornal O Paiz reportou sobre um “Banquete das Sociedades da Paz” em Paris, que reuniu associações pacifistas francesas e estrangeiras de cidades como Londres, Berlim, Roma e Lisboa. Entre os discursos da noite, destacou-se o da escritora francesa Mme. Sóverinne, que teria afirmado que: “[...] a epidemia da peste, hoje devastando povoações inteiras na Mandchuria, é o resultado da guerra da Rússia contra o Japão.” (O PAIZ. 17 de mar. 1911)

A guerra em questão foi a Russo-Japonesa (1904-1905), onde as elites mundiais se deparam com a emergência do Japão, durante o período Meiji, como uma nova potência no extremo oriente. O país buscava legitimidade por meios políticos e militares e já havia, em 1876, invadido a península coreana buscando a expansão de suas zonas de influência. (UNZER MACEDO, 2017: 72). No entanto, essa expansão do Japão incomodou as potências europeias, que tentaram dificultar o processo de reconhecimento da dominação japonesa no plano diplomático. Os japoneses buscaram então negociar o reconhecimento russo, aceitando a presença russa na Manchúria em troca do reconhecimento da presença japonesa na península coreana.

A Rússia, em sua política de expansão territorial, buscava a tomada de territórios chineses sem reconhecer fronteiras entre os países. A decadência da dinastia Qing foi vista como uma oportunidade para anexar essas terras como parte do território russo. A “Manchúria Exterior”, onde se localiza Vladivostok atualmente, foi um desses territórios conquistados.

A China, sentindo-se ameaçada por todos os lados e diante da iminência da invasão japonesa, assinou um tratado com a Rússia para garantir sua proteção contra ataques japoneses. Em troca, a China permitiu a construção da Ferrovia Transmanchuriana, um ramo da Transiberiana que atravessava a Manchúria (KISSINGER, 2011: 53).

Durante a Guerra Russo-Japonesa, o Japão propôs uma troca da Manchúria pela Coreia, mas os russos recusaram a oferta. Como resposta, uma frota naval japonesa atacou os navios

russos em Port Arthur (Atualmente chamada: Lushun), localizada na cidade de Dalian. O conflito se prolongou por meses, e o Japão saiu vitorioso. Vale ressaltar que essa foi a primeira vez na história que uma potência não-ocidental e não-europeia venceu uma guerra contra uma potência europeia (UNZER MACEDO, 2017: 72).

A construção da Ferrovia Transmanchuriana, também conhecida como Ferrovia da China Oriental, resultou em um grande deslocamento de trabalhadores para a construção da extensa linha férrea. De acordo com Ratmanov (2019), esses trabalhadores eram submetidos a condições climáticas adversas, saneamento precário e más condições de trabalho (RATMANOV, 2017:71). Em 1899, período anterior à Guerra Russo-Japonesa, a cidade de Yingkou foi a primeira a sofrer com uma epidemia em meio à construção da Ferrovia da China Oriental.

Quando examinamos a fala de Mme. Sóverinne no Banquete das Sociedades da Paz, ela afirmava que: “O flagello da peste é um corolario do flagello da guerra. Portanto, abolir a guerra é um acto de salubridade humana.” (O PAIZ. 17 de mar. 1911). De fato, mais tarde, em 1918, após a Primeira Guerra Mundial, a pandemia de Gripe Espanhola deixou claro a contribuição das guerras para a disseminação de doenças. No entanto, quando analisamos o caso da Peste da Manchúria, não podemos deixar de levar em conta que até mesmo a guerra está inserida em um processo de expansão imperialista. No banquete, representantes de associações pacifistas originárias das potências da Europa Ocidental discutem a guerra como fonte primária da peste. Isso ocorreu em um momento em que essas mesmas potências disputavam zonas de influência dentro do território chinês. De acordo com Kissinger, a criação de uma área de domínio russo na Manchúria resultou em uma disputa por concessões semelhantes entre todas as potências estabelecidas. Cada país reagia aos avanços dos outros. A Alemanha ocupou Qingdao na península de Shandong. A França conquistou um enclave em Guangdong e consolidou seu controle sobre o Vietnã. A Grã-Bretanha ampliou sua presença nos Novos Territórios, ao lado de Hong Kong, e estabeleceu uma base naval em frente a Port Arthur (KISSINGER, 2011:53)

A PESTE NA MANCHÚRIA

A construção da Ferrovia Transmanchuriana teve início em 1897 e atraiu um grande número de trabalhadores para a região, que se estabeleceram em Harbin, cidade fundada em 1898 pelos engenheiros ferroviários russos. A necessidade por mão de obra propiciou um grande crescimento e desenvolvimento da cidade, tornando-a um centro importante com fortes traços russos dentro do território chinês (MAURO, 2019: 68). Em 1913, a população da cidade atingiu cerca de 70 mil pessoas de 53 diferentes nacionalidades, pertencentes ao império Russo e a República Chinesa. No entanto, o aumento populacional e a maior eficiência dos transportes historicamente tornaram as pessoas mais vulneráveis a epidemias.

No outono de 1910, chegaram a Pequim notícias sobre o surgimento de uma doença mortal em Fujiandian, uma área chinesa de Harbin (LEE, 2014: 99). Essa informação foi relatada em um artigo intitulado “A Peste na Manchúria” no jornal O Paiz:

“Dizem de Petersburgo que são verdadeiramente alarmantes as notícias ali recebidas da Mandchuria acerca da peste, que victima quotidianamente em

Foudziadan², suburbio de Kharbine³, cento e cinquenta pessoas, termo médio.” (O PAIZ. 9 de fev. 1911.)

As primeiras vítimas da epidemia foram os caçadores e comerciantes de marmotas, que buscavam a pele do animal devido à sua grande demanda na Europa e América. Com o aumento da procura, a doença começou a se espalhar pelo percurso da ferrovia em direção ao sul (FARRAR,1912: 1). Essa questão é abordada na matéria a seguir: “O flagelo fez também sua aparição em Guirm⁴ e Mukden⁵, propagando-se a outras cidades e villas do sul para onde fogem os chineses,[...]” (O PAIZ. 09 de fev. 1911).

Outro telegrama vindo de Pequim demonstra na mesma notícia a propagação ainda mais ao sul:

“[...] que no norte da China, lavra enorme panico, em consequencia da enorme mortandade ocasionada pela peste, já declarada Officialmente em Tien-Tsin⁶, Shan-Hai-Kuan⁷ e em Tchuntchiane⁸, onde o numero de casos fataes se eleva a duzentos por dia.”(O PAIZ. 09 de fev. 1911).

O primeiro trecho da notícia destaca as cidades ao longo da ferrovia que conecta a região à um porto no Mar de Bohai, enquanto o segundo trecho menciona as cidades próximas ao Mar em si.

A matéria aponta que a disseminação da doença em direção ao sul foi impulsionada pela fuga dos chineses das áreas mais afetadas. Em seu livro, Farrar R(1912) menciona um movimento migratório de trabalhadores que se deslocavam à Manchúria para trabalhar em plantações de soja, retornando para casa para celebrar o ano novo lunar, que ocorreu em 30 de janeiro de 1911 (FARRAR,1912: 1).

O jornal O Paiz apresenta um aspecto da perspectiva da população sobre a peste, que muitas vezes é ausente nos relatos científicos da época. Em relação às primeiras reações das populações diante das mortes o periódico informa que:

“A principio os povos ficaram indiferentes e attribuiram as mortes aos japonezes, que accusam de envenenar os poços com um asubstância amarela, de maneira a destruir os chineses e a apoderarem-se da Mandchuria. Esta lenda parece ter nascido no facto das casas infectadas serem cobertas de chloreto de calcio.”(O PAIZ. 26 de fev. 1911).

Observa-se a disseminação de boatos infundados que utilizam teorias conspiratórias de ori-

2. Fujiandian

3. Harbin

4. Possivelmente Jilin

5. Atualmente: Shenyang

6. Tianjin

7. Shan-hai-kuan, é um distrito da cidade de Qinhuangdao

8. Possivelmente Changchun

gem política como meio de promover desinformação. Como resultado, a população tornou-se indiferente aos perigos da epidemia, evidenciando a rapidez com que notícias falsas são produzidas e disseminadas, em contraste com a produção científica, e como elas podem ter influência direta nos comportamentos e na saúde da população.

O HORROR DE FUCHIATIEN⁹

O jornal também relata em relação a importância da atuação dos médicos em Harbin:

“Avalia-se em em cerca de mil pessoas os numero de mortos causados pela peste diariamente, na mandchuria do norte, e se os esforços de vinte e dois medicos conseguiram sustar o desenvolvimento da peste em Kharbine, a cidade chinesa de Fuchiatien acha-se transformada em um vasto cemiterio.”(O PAIZ. 26 de fev. 1911).

Assim, é possível comparar a dura realidade de Harbin, onde os esforços médicos conseguiram conter o desenvolvimento da peste, com a situação ainda mais grave em Fuchiatien, um setor pertencente à cidade de Harbin, e não uma cidade independente.

A edição de 26 de fevereiro de 1911 do jornal O Paiz relata em detalhes e sensacionalismo a tragédia em ocorrência no setor de Fuchiatien, área mais afetada pela peste: “A cidade está cercada por soldados. Todo o espirito de Lucta e resistencia desapareceu nos habitantes que ainda ali vivem. Esperando estoicamente a sua sorte.”(O PAIZ. 26 de fev. 1911)

Aqui, o texto usa o termo “estoicamente” partindo de um senso comum, para evidenciar a impotência da população diante do quadro de terror, onde sem poder fazer nada, apenas esperam. para destacar a impotência da população diante da terrível situação em que se encontrava. Além disso, é notável a presença de forças militares na área mais afetada, embora não fique claro como eles atuaram nessa situação. O termo “cercada” sugere que a população foi contida para evitar a propagação da praga, uma vez que o governo chinês mobilizou cerca de 1200 soldados para controlar as pessoas que tentavam fugir da cidade. (LEE, 2014: 99)

“Preparavam-se para queimar mil cadáveres, que foi impossível enterrar. A maior parte dos corpos rebentaram, deixando ver suas entranhas, que são devoradas pelos cães, que a tropa recebeu ordem de matar a tiro.” (O PAIZ. 26 de fev. 1911.)

Conforme relatado na notícia, os cadáveres se acumulavam insepultos ao longo do inverno, tornando impossível o enterro. O médico Wu Lien-teh receava que, com a chegada da primavera e do calor, a pilha de corpos pudesse representar um risco à saúde pública e, por isso, propôs a cremação como solução. Contudo, a população via essa prática como profanação, e foi necessário que o médico sensibilizasse as autoridades para obter a autorização do imperador para a primeira cremação em massa de corpos na China, que ocorreria durante o Ano Novo Lunar (LEE, 2014: 99).

9. Fujiandian

Além disso, a matéria destaca o horror da situação dos corpos, enfatizando o processo de decomposição e o fato de que cães se alimentavam das entranhas dos mortos. Esse estado de horror serviu como justificativa para a cremação. A notícia também destaca a atuação dos soldados na contenção da proliferação da doença, que incluiu a morte de cães para evitar a disseminação da peste.

O fogo passa a ser utilizado como forma de contação da peste: “Ruas inteiras foram incendiadas, e crê-se que é necessário queimar toda a cidade.” (O PAIZ. 26 de fev. 1911). Também é relatado que as pessoas que tiveram contato com pessoas mortas pela praga temiam ir para os campos de isolamento, onde segundo o jornal, a morte era certa: “Os habitantes occultam os mortos nas casas que ainda se sustêm de pé, temendo serem transportados aos campos de isolamento, o que equivale a uma morte certa.” (O PAIZ. 26 de fev. 1911)

O temor de ir para o isolamento faz com que a população tome medidas desesperadas como a ocultação de cadáveres para que ninguém saiba que tiveram contato com doentes. Esse medo diante da praga e das medidas sanitárias fazia com que as pessoas buscassem fugir da região a todo custo: “Contam-se já quatro mil mortos, e dos seus 30.000 habitantes somente metade se conservam ainda na cidade, porque todos os que puderam fugir, fugiram.” (O PAIZ. 26 de fev. 1911)

Segundo o jornal, essas fugas corroboram para a difusão da peste cada vez mais para o sul: “para onde fogem os chineses, a fim de se furtarem às medidas sanitárias ordenadas superiormente.” (O PAIZ. 19 de fev. 1911). Para a contação dessas fugas, além do cerco de soldados estabelecido na cidade, também torna-se necessária a suspensão de partes do sistema ferroviário: “O governo, á data das ultimas noticias, projectava suspender a circulação dos comboios na região sul de Mukden.” (O PAIZ. 19 de fev. 1911)

Uma das consequências dessa medida é a paralisação também do comércio devido sua dependências das ferrovias: “[...]está inteiramente paralyzado o commercio em Changhai-Kouane¹⁰ e outras cidades proximas da estrada de ferro da Mandchuria” (O PAIZ. 20 de jan. 1911).

São assim afetados os interesses comerciais russos, chineses e japoneses que passam a investir somas em dinheiro nas medidas de contenção da doença:

“Para combater a epidemia com medidas profilaticas, contribuíram os russos com 500:000 rublo, os chineses com 150:000 teals e a Companhia dos Caminhos de Ferro do sul da Mandchuria com yens 300:000.” (O PAIZ. 19 de fev. 1911)

A Companhia da Ferrovia do Sul da Manchúria foi uma empresa fundada no Império do Japão em 1906, após a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905), e operou dentro da China na região controlada pelos japoneses, a Zona da Ferrovia do Sul da Manchúria. A ferrovia decorria do Porto de Lüshun, na ponta sul da Península de Liaodong para Harbin, onde é ligada à Ferrovia Transmanchuriana. O governo russo chega ao ponto de pedir que a China se submeta a medidas por eles prescritas:

10. Shan-hai-kuan, é um distrito da cidade de Qinhuangdao

“O governo russo resolveu, em conselho de ministros, enviar à China uma nota diplomática, convidando-a a submeter a Manchúria às medidas de sanidade prescriptas pela Rússia.” (O PAIZ. 19 de fev. 1911)

O Japão colaborou com as autoridades russas e chinesas para combater a peste em Harbin, com os russos estabelecendo um hospital improvisado para tratar e observar suspeitas de peste. (MICHALEAS, 2022: 466)

O prejuízo nos interesses econômicos se tornou um motivador para o investimento em ciência como solução para as crises, resultando em um grande desenvolvimento científico durante momentos de grande risco à saúde. Isso ocorreu devido ao grande volume de recursos destinados às medidas de combate às doenças e à valorização do conhecimento científico como solucionador de problemas.

OS MÉDICOS DA PESTE

O Dr. Wu Lien-teh foi um médico sino-malaio, formado pela Universidade de Cambridge e pós-graduado em bacteriologia. Em 1907, mudou-se para a China, onde atuou como vice-diretor do Imperial Colégio do Exército em Tianjin (LEE, 2014: 99). Com o início da epidemia em 1910, foi convidado a participar das medidas de combate à peste.

As primeiras notícias sobre a pestes publicadas no jornal o país informam: “Devido ao rápido desenvolvimento da peste bubônica,[...]” (O PAIZ. 20 de jan. 1911). Demonstrando que acreditavam que a epidemia na Manchúria era de peste bubônica, um dos tipos existentes de peste causada pela bactéria *Yersinia pestis*, encontrada em roedores, principalmente ratos. Porém hoje é sabido que existem três tipos de peste: bubônica, septicêmica e pneumônica, com diferentes severidades e formas de transmissão.

O jornal também relata que “A lymphá de Halffkine não serve para nada” (O PAIZ. 26 de fev. 1911). Nesse caso, o termo “lymphá” é usado para se referir à vacina desenvolvida por Waldemar Haffkine contra a peste bubônica. O jornal sugere que essa vacina não é eficaz contra a peste que assolava a Manchúria.

Devido à profanação de cadáveres ser considerada inaceitável na China na época, Wu Lien-teh encontrou dificuldades em conduzir as investigações relacionadas à doença. Ele teve que realizar a primeira autópsia da história da China para identificar que a bactéria causadora da peste era a mesma da peste bubônica (LEE, 2014: 99), mas nesse caso, tratava-se de um surto de peste pneumônica, uma forma mais grave da doença com uma forma de transmissão diferente. O jornal destacou a severidade da situação ao informar que:

“Citam-se numerosos casos de pessoas que, parecendo perfeitamente bem no momento em que se apresentam à inspeção médica, cambaleiam de repente e caem mortas antes mesmo que os médicos tenham tempo de se aproximar dellas.” (O PAIZ. 26 de fev. 1911)

O uso de máscaras faciais se tornou fundamental no combate à peste pneumônica, já que

não havia cura para a doença na época. Além disso, a proximidade entre médico e paciente se tornou um fator de preocupação, pois muitos profissionais da saúde acabaram sendo infectados e falecendo em um curto período de tempo. O jornal relatou um desses casos: “O Dr. Jackson, morto em Mukden, expirou trinta e seis horas depois do primeiro calafrio precursor da peste.” (O PAIZ. 26 de fev. 1911)

Outro médico famoso, caso de um médico que faleceu nesse contexto, foi o francês Dr. Mesny, que visitou um hospital sem a proteção de máscaras faciais. Essas que se tornaram um dos mais importantes legados do combate a peste na Manchúria.

É comum na cultura popular a imagem dos “Médicos da Peste”, que atuaram durante a Peste Negra (1346–1353) na Europa, ser associada ao uso de máscaras contra a peste. Isso se deve às máscaras bicudas que faziam parte de seu figurino, tornando-se até mesmo tema de fantasias de horror. No entanto, foi durante a epidemia de peste na Manchúria que a máscara facial passou a ser utilizada como instrumento de contenção de uma doença transmitida pelo ar (RIBEIRO.2020:34). Antes disso, seu uso se limitava a instrumentos médicos com modelos e materiais questionáveis. Atualmente, as máscaras faciais apresentam um modelo semelhante ao utilizado na época da epidemia na Manchúria. De acordo com Ribeiro (2020):

“consistia em duas camadas de gaze a envolver uma camada interior espessa de algodão em rama de cerca de 10 por 15 centímetros, com as pontas da gaze a envolver lateralmente a cabeça e a segurar a máscara com um nó (alguns modelos tinham também uma terceira ponta que passava por cima da cabeça e assegurava melhor fixação).” (RIBEIRO.2020:35)

O médico Wu Lien-teh implementou o modelo de máscara facial como uma medida de contenção da peste na Manchúria. Ele incentivou o uso não só pelos médicos, mas também pelos pacientes e pela população infectada, a fim de dificultar a transmissão da bactéria. O uso dessa máscara tornou-se comum em 1918 durante a pandemia da gripe espanhola.

O jornal O Paiz descreveu os equipamentos de proteção usados na época como um “espetáculo por vezes estranho e fantástico”:

“A única protecção eficaz é a mascara. Todos os europeus e todos os japonezes e chineses, empregados na policia e caminho de ferro, a partir de Mukden, parecem, fantasmas, envolvidos nos seus grandes habitos de gaze branca e mascaras de gaze iodoformada, cobrindo nariz e boca.

Por vezes o seu traje lembra o dos mergu’lhadores, com escaphandros, e compõe-se de botas de caoutchouc¹¹, de calça e dolman, e um capuz branco hermeticamente fechado, apenas com dois buracos para os olhos.” (O PAIZ. 26 de fev. 1911)

O jornal diz que esses funcionários nunca abandonam suas máscaras e descreve então a reação da população diante do citado “Espetáculo”: “[...]a multidão, que não tem consciência do terrível perigo que a ameaça, persegue com suas troças os que trajam, dessa maneira.” (O

11. Botas de borracha

PAIZ. 26 de fev. 1911)

Embora a população estivesse enfrentando um perigo evidente com a epidemia, ainda era comum ver funcionários que usavam medidas de prevenção sendo perseguidos pelos moradores.

Apesar desse cenário, a China sediou em abril de 1911 a Conferência de Mukden, que foi o primeiro congresso científico realizado em território chinês. A conferência foi organizada reconhecendo a importância do combate às doenças em um plano internacional, já que esse tema não podia mais ser tratado apenas como uma questão interna de cada país. Participaram da conferência países como Estados Unidos da América, Grã-Bretanha, Alemanha, França, Itália, México, Holanda, Áustria-Hungria, Rússia, Japão e China. Entre os participantes influentes da conferência, destacam-se o Dr. Richard Strong (1872-1948) dos Estados Unidos, o Dr. Danylo Zabolotny (1866-1929) da Rússia e o Dr. Reginald Farrar (1861-1921) da Grã-Bretanha (MICHALEAS, 2022: 467).

Graças às medidas adotadas, a epidemia foi controlada em 1911, e o número de casos e mortes começou a diminuir. No entanto, a peste bubônica ainda é endêmica em algumas partes do mundo, incluindo algumas áreas da China, e continua sendo uma preocupação de saúde pública em todo o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos relatos publicados no jornal O Paiz (RJ) sobre a epidemia de peste bubônica na Manchúria em 1910-1911 permite compreender as reações da população e o contexto geopolítico da época. As medidas adotadas pelas autoridades sanitárias e a delimitação temporal da análise possibilitam vislumbrar o controle da doença na região.

Os conflitos entre as potências imperialistas na Guerra Russo-Japonesa e a construção da Ferrovia Transmanchuriana evidenciam a relação entre conflitos armados e a disseminação de doenças. A guerra simbolizou a luta pelo poder imperialista entre potências europeias e não-europeias, incluindo a China, afetada pela construção da ferrovia e pela ameaça de invasão japonesa. Portanto, a guerra não deve ser analisada apenas como uma causa direta de doenças, mas sim como parte de um contexto mais amplo de interesses políticos e econômicos.

A construção da Ferrovia Transmanchuriana impulsionou o desenvolvimento de Harbin, mas também propiciou a disseminação de doenças devido à rápida urbanização e às precárias condições de trabalho na região. A peste se propagou ao longo da ferrovia em direção ao sul devido à fuga de chineses das áreas afetadas. Assim, o progresso tecnológico e o aumento da mobilidade podem contribuir para a propagação de doenças em contextos de precariedade das condições de trabalho e urbanização acelerada.

A homenagem do Google ao médico malaio Wu Lien-teh é uma oportunidade de relembrar suas medidas inovadoras no controle da epidemia de peste pneumônica na China em 1910-1911, as quais se mostraram relevantes no contexto da pandemia de COVID-19. Foi nesse contexto que o médico sino-malaio Dr. Wu Lien-teh teve um papel fundamental no combate à epidemia de peste pneumônica. Apesar das dificuldades devido à profanação de cadáveres ser

considerada inaceitável na China na época, ele realizou a primeira autópsia da história do país para identificar a bactéria causadora da doença. Wu Lien-teh incentivou o uso de máscaras faciais, que se tornaram um dos mais importantes legados do combate à peste na Manchúria e que se tornaram comuns durante a pandemia da gripe espanhola em 1918.

Com a falta de uma cura para a doença na época, muitos profissionais da saúde acabaram sendo infectados e morrendo em um curto período de tempo. O uso de máscaras faciais se tornou fundamental no combate à peste pneumônica e ajudou a salvar muitas vidas. Por fim, o médico propôs a cremação dos corpos para evitar a propagação da doença, e a cremação em massa foi autorizada pelo imperador chinês.

A educação na contenção de doenças como a peste pneumônica foi essencial na falta de uma cura para a doença. Era necessário conter sua propagação por meio da adoção de práticas como o uso de máscaras e a cremação de cadáveres. No entanto, boatos, como a teoria conspiratória de que os japoneses envenenavam os poços, promoveram a desinformação e a indiferença da população aos perigos da epidemia. A rápida disseminação de notícias falsas evidencia a influência que elas podem ter nos comportamentos e na saúde da população.

Em 1911, o jornal *O Paiz* utilizou uma linguagem sensacionalista para transmitir à população brasileira os horrores da epidemia de peste bubônica em Harbin, China, ocorrida no ano anterior. Com mil mortes por dia, a cidade se tornou um cenário de horror, e a doença se espalhou rapidamente. Apesar dos esforços de vinte e dois médicos, a população estava aterrorizada, e as autoridades lutavam para controlar a propagação da doença. As autoridades militares também tiveram que lidar com a fuga de muitos habitantes da cidade, o que acabou espalhando a doença para o sul e paralisando o comércio. É importante considerar a efetividade dessa linguagem sensacionalista na época para conscientizar a população sobre a importância da adoção de práticas para a contenção de doenças.

A peste na Manchúria ilustrou a necessidade de cooperação internacional no combate a doenças, algo que se torna cada vez mais crucial. Entretanto, essa cooperação costuma acontecer apenas com a intenção de minimizar os impactos das doenças na economia e pode incomodar aqueles que detêm o capital.

A História da saúde é repleta de exemplos de profissionais dedicados que lutaram incansavelmente contra as doenças. Médicos que atuavam na Manchúria, por exemplo, colaboraram para a construção coletiva de novos conhecimentos científicos. Graças a esforços de cooperação global, a humanidade pôde declarar a erradicação da varíola em 1979, uma doença que assolava as civilizações desde a antiguidade, assim como a peste. No entanto, é lamentável que esse importante evento não ocupe o mesmo espaço no imaginário popular que a chegada do homem à lua. Embora a corrida espacial tenha sido uma conquista dos EUA, a erradicação da varíola representou uma cooperação entre países para enfrentar um problema global que não respeita fronteiras.

É fundamental que nos lembremos dos horrores enfrentados em épocas em que não havia tantas vacinas e a penicilina ainda não havia sido descoberta. Dessa forma, poderemos destacar os esforços globais coletivos que promovam soluções para problemas que afetam a humanidade como um todo. Devemos reconhecer como esses trabalhos impactam nossas vidas hoje e resga-

tar a memória desses heróis que dedicam suas vidas à saúde pública.

REFERÊNCIA

Periódicos

O PAIZ. 20 de jan. 1911.

O PAIZ. 09 de fev. 1911.

O PAIZ. 19 de fev. 1911.

O PAIZ. 26 de fev. 1911.

O PAIZ. 17 de mar. 1911.

Bibliografia

FARRAR, Reginald. Plague in Manchuria. Proc R Soc Med. 1912;5(Sect Epidemiol State Med):1-24. PMID: 19976306; PMCID: PMC2005379.

HARARI, Yuval Noah. Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes à humanidade. Companhia das Letras, 2020.

KISSINGER, Henry. Sobre a China, tradução Cássio de Arantes Leite. Objetiva, Rio de Janeiro:2011.

LEE, Kam Hing et al. Dr Wu Lien-teh: modernising post-1911 China's public health service. Singapore medical journal, v. 55, n. 2, p. 99, 2014.

LÓPEZ, ALBERTO. Dr. Wu Lien-teh, o primeiro herói a recomendar máscaras para enfrentar uma pandemia. EL PAÍS, Madri, p. 1, 10 mar. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedad/2021-03-10/dr-wu-lien-teh-o-primeiro-heroi-a-recomendar-mascaras-para-enfrentar-uma-pandemia.html>. Acesso em: 12 nov. 2021.

MAURO, Gabriel Dias Cavalcante. Fuga do Inferno Vermelho: imigração de “Russos da China” para o Rio de Janeiro (1949-1960). Contraponto, v. 8, n. 2, 2019.

MICHALEAS, Spyros N. et al. The Manchurian pandemic of pneumonic plague (1910-1911). Infezioni in Medicina, p. 464-468, 2022.

RATMANOV, Pavel E.; LOTYSZ, Slawomir; CZAJEWSKI, Jerzy. Polish physicians in Harbin (the first half of the 20th century). History of Medicine, v. 6, n. 2, p. 70-80, 2019.

RIBEIRO, Rita. A máscara sem metáfora: biopolítica e micro-práticas na pandemia de COVID-19. 2020.

TRINDADE LIMA, Nísia; HOCHMAN, Gilberto. CONDENADO PELA RAÇA, ABSOLVIDO PELA MEDICINA.: O BRASIL DESCOBERTO PELO MOVIMENTO SANITARISTA DA PRIMEIRA REPÚBLICA. In: CHOR MAIO , Marcos; VENTURA SANTOS, Ricardo. Raça, Ciência e Sociedade. 20. ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996. cap. 2, p. 23-40. ISBN 978-85-7541-517-7.

UNZER MACEDO, Emiliano. O IMPERIALISMO JAPONÊS NA ÁSIA.: DA ERA MEIJI À SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. In: BUENO, André; ESTACHESCKI, Dulceli; CREMA, Everton; MARIA NETO, José. Mais Orientes. Rio de Janeiro/União da Vitória: Edições Sobre Ontens/LAPHIS, 2017. cap. 6, p. 71-91. ISBN 978-85-65996-48-8. Disponível em: WWW.revis-tasobrentens.site. Acesso em: 13 nov. 2021.